

Valdemar Caracas

Fundador do Ferroviário Atlético Clube

Lembranças de um passado vivo que se eterniza na memória do centenário Caracol

Um turbilhão de dúvidas traspassava minha mente à espera do primeiro encontro. Passado, presente e futuro fundir-se-iam numa sala de apartamento. A história de um século, o momento do desfile de idéias, a conversa materializada. Assim aconteceu. Encontrar Valdemar Cabral Caracas é emocionar-me ao desenhar em minha mente anos que nunca vivi, é embaralhar-me com os encontros e desencontros de idéias, é imaginar-me na angústia de apreender 101 anos em poucas linhas impressas.

Senhor de cabelos brancos, baixa estatura, sorriso sincero, visão e audição desgastadas pelo centenário, Valdemar Caracas nutre uma paixão incondicional pelo esporte que arrebatava tantos brasileiros: o futebol. Conhecido como o fundador do Ferroviário Atlético Clube – o Tubarão da Barra –, o vovô do time coral alegre-se ao falar da fase romântica do futebol cearense, enchendo minha alma saudosista de lembranças desconhecidas.

Valdemar figura-se na história bem contada do clube dos ferroviários. Por vezes, a trajetória do time confunde-se com a própria vida dele. Caracas era pai, mãe, babá e educador dos operários que faziam a torcida Coral vibrar. Presidente, nunca foi, porque não quis, apesar de apreciar a liderança. Com humor, ele conta os causos futebolísticos do antigo Campo do Prado e dos tradicionais clubes dos bairros de Fortaleza.

Com voz firme e personalidade forte, ele vai tecendo para mim, em meio a digressões e comentários bem humorados, o ser Valdemar Caracas. O menino que aprendeu a conviver desde cedo com a perda do pai, Francisco Caracas Sobrinho, ajudando a sustentar a casa. O homem lúcido e vaidoso, que não titubeia ao falar de si. O homem crítico da sociedade brasileira. "O Brasil é o país do se e do quase". O homem romântico que lembra com carinho da esposa, companheira de tantos anos. "Ela (dona Anete) preencheu um vazio (...) Ela era uma santa".

Valdemar Caracas é também um homem austero. Quando jovem, desejou seguir carreira militar, porém, a mãe dele, dona Francisca Cabral Caracas, não permitiu. É contrário a movimentos grevistas. Nas palavras de Valdemar, greve é o "exercício remunera-

do da malandragem". Critica os namoros atuais e defende-se um homem fiel. Valdemar revela-se um senhor respeitoso e correto, até em momentos descontraídos. "Eu não conto imoralidade (...) Eu, desrespeitando a você, estou desrespeitando a mim".

Em certos momentos, a firmeza de Valdemar desfalece. Inquieta, tento não desviar minha atenção para as imperfeições dele. A emoção, mesmo contida por Caracas, é visível aos olhares mais sensíveis. Ele transparece a solidão diária dos poucos ruídos no assoalho de madeira, da mudez dos móveis antigos, do silêncio das fotografias pretéritas. A família já não é constante nas visitas, os amigos de outrora já não se fazem mais presentes, as glórias do amado clube das estradas de ferro não resistiram às mudanças dos trilhos da História.

Aos poucos, percebo que a longevidade de Caracas não é bela, nem poética. É real, dói, maltrata o coração do senhor agora acostumado à solidão dos dias. "Idade é uma coisa que acaba com a gente". Os lapsos de memória deixam Valdemar apreensivo, pois sente as lembranças cada vez mais remotas. Todavia, a debilidade não permite a entrega final de Caracas. "A vida pertence aos outros, a quem gosta da gente, a quem estima a gente".

O encontro excêntrico mexeu com minhas emoções. O senhor Valdemar Cabral Caracas fez-me pensar na eternidade do passado, na efemeridade do presente e na incerteza do futuro. Guarda dentro de si um século de boas histórias, eternizando lembranças saudosistas. Ele é rude, cortês, sério, engraçado. Excessivamente grande para ser apreendido em sua completude.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Artur Pires
Aurimar Monteiro
Pamela Lemos

Texto de abertura:

Gabriela Meneses

Participação:

Armando de Oliveira Lima
Artur Pires
Aurimar Monteiro
Gabriela Meneses
Helena Martins
Isabelle Azevedo
Leonardo Ferreira
Mayara de Araújo
Mirelle Costa
Pamela Lemos
Walber Góes.

Foto:

Arihel Marreiro
Leonardo Ferreira



Entrevista com Valdemar Cabral Caracas feita em 25 de setembro de 2008.

Artur – Seu Valdemar, o senhor chegou aqui em Fortaleza com cinco anos de idade. Eu queria saber como o senhor sentiu essa mudança de sair de uma cidade pequena do interior para a capital?

Valdemar – Eu não me lembro. Cinco anos de idade?!

Artur – Mas, logo nos primeiros anos aqui em Fortaleza, como é que foi essa vivência?

Valdemar – A mesma coisa. Eu nasci no Pacoti (*município localizado a 130 km de Fortaleza na microrregião do Maciço de Baturité*), ali na Serra de Baturité. Quer saber o que significa a palavra Baturité? A palavra baturité, segundo os índios, não estou lembrado qual o “time” deles, significa “serra verdadeira”.

Artur – A pergunta é: logo na chegada a Fortaleza, quais foram as principais mudanças que o senhor percebeu?

Valdemar – Eu só sei que eu fui morar... Quando chegamos aqui veio meu pai (*Francisco Caracas Sobrinho*), minha mãe (*Francisca Cabral Caracas*) – minha mãe era segundo matrimônio, a véia é quente, né? Veio pra cá, meu pai, minha mãe e duas irmãs e nós fomos morar na Rua do Sampaio. Eu não sei, isso eu posso dizer. Se eu morrer, vocês me pegam, me botam lá embaixo.

Gabriela – O senhor perdeu o pai muito cedo. Com quantos anos?

Valdemar – O ano eu não me lembro bem. Eu sei que, quando meu pai morreu, ele tinha 36 anos de idade.

Gabriela – E o senhor, seu Valdemar?

Valdemar – Eu passei dos 100 já. Já devia era ter morrido há muito tempo. É só vocês irem embora, que eu vou morrer.

Artur – Como era a relação com seu pai? Porque ele faleceu quando o senhor tinha 11 anos. A ausência dele afetou no seu crescimento como pessoa, a falta de uma figura paterna?

Valdemar – Se meu pai não tivesse morrido, eu nem tava aqui, eu era doutor, eu era muita coisa. Ele tá ali (*aponta para o retrato na parede em frente a ele*). Tá com uma irmã minha (*Ester*), do primeiro matrimônio. Eu não sei como minha mãe não casou três vezes porque duas ela casou. Essa aí é do primeiro matrimônio (*aponta de novo*). Meu pai aí (*apontando*) e eu aqui. Diga o que é que você quer mais.

Mirelle – Se o pai de senhor não tivesse morrido tão cedo, você acha que a vida do se-

nhor teria sido diferente?

Valdemar – Não, eu não quis. Eu queria ir pra Escola Militar. Meu pai morreu e, depois de 18 (*1918*), essa minha irmã (*aponta de novo para a foto*) assumiu (*tudo*). A mulher quando resolve mesmo é grau dez. Ela assumiu a direção da casa. Depois ela casou e morreu. Se meu pai fosse vivo... Eu não gosto nem de falar disso, porque o Brasil é o país do *se* e do *quase*. O Brasil é o país do *se*... Se a bola não tivesse entrado, não era gol né? Do *se* e do *quase*. *Quase* entra! Não adianta, não. O que adianta é a bola entrar.

Armando – Valdemar, a mãe do senhor sempre foi dona de casa?

Valdemar – Menino, naquele tempo, mulher não tinha emprego não. Veio com o tempo. Minha irmã sustentava a casa, comprava uns jarros e fazia enfeite. E depois, pintava e iam lá vender. Com certo lucro, sustentou a casa toda. Quando morreu, eu fui me empregar na farmácia. Deixei o colégio, fui me empregar na farmácia ganhando vinte mil réis por mês. Vocês não sabem o que é vinte mil réis, não vou explicar não.

Helena – Quem morava com o senhor nessa época?

Valdemar – E eu sei?!

Helena – Era só o senhor e sua irmã?

Valdemar – Não, eu expliquei. Eu morava em Pacoti. De lá, nós descemos a serra, pegamos o trem em Baturité, aí viemos pra Fortaleza. Eu fiquei com meu pai. Meu pai morreu em 1918.

Gabriela – Como era a relação do senhor com a sua mãe, vocês se davam bem?

Valdemar – Tinha que se dar. Se não desse ia pra peia. (*risos da turma*) Vocês levam uma vida boa, boa não, que não é boa não. Mas eu vou dizer uma coisa: naquele tempo tinha palmatória. Dona Luísa (*empregada que passa o dia cuidando de Valdemar*), onde é que você tá? Cadê aquele bichinho? O mata-mosca? (*A turma mostra onde está*).

Mas eu dizia que a palmatória era um instrumento de madeira, como isso aqui (*mostra o mata-mosca*). Pegava a mão da criança e dava na mão. Cadê a Tâmara (*se referindo a Pamela*) (*risos*)?

Pamela – Estou aqui (*se aproxima de Valdemar*).

Valdemar – Bolo aqui (*bate na mão direita*). Dá a outra mão. Bolo aqui. Eram seis bolos,

Valdemar Cabral Caracas nasceu na cidade de Pacoti – CE, localizada no Maciço de Baturité, dia 9 de novembro de 1907.

Valdemar aceitou de pronto dar a entrevista. Quando perguntado sobre a data de preferência, veio a primeira das cortadas bem-humoradas: “Pode ver qualquer dia, meu filho. Eu sou aposentado, não faço nada mesmo.”

Ainda no contato inicial, Valdemar demonstrou não se orgulhar nem um pouco do centenário alcançado: "Por mim, eu já tinha ido", revelou.

três em cada mão. A minha mãe não dava bolo não, ela dava era com as tiras de sola, mas eu me escondia. Nunca deu certo não.

Pamela – Mas quando o senhor era novo, que a sua mãe batia com a palmatória, o senhor era muito danado?

Valdemar – Não, a minha mãe não. Eu estou falando no geral. A minha mãe não dava palmatória. Cada um tem seu jeito, né? Estou falando no geral. Nesse tempo, os chinelos eram importados. Vinham de São Paulo para cá. Meu pai me dava diferente. Ele pegava a chinela, um chicote, me dava sete bolos. Não eram seis, nem oito, eram sempre sete bolos.

Mayara – E o que o senhor fazia para ele lhe bater?

Valdemar – Era um erro meu. Uma vez eu chamei um sujeito de mentiroso. Meu pai me chamou (*e disse*): "Não faça isso, não chame uma pessoa de mentirosa." (*Eu perguntei*): "Mas papai, o sujeito mentiu, o que é que ele é então?" (*Ele falou*): "Respeite." (*Então, eu perguntei*): "Como é que eu digo?" (*Diga*): "O senhor está faltando com a verdade." É a mesma coisa, mas não. É uma maneira de você dar uma palavra sem ofender, né?

Pamela – O pai do senhor morreu e a mãe do senhor depois como é que ficou? Ela viveu ainda muito tempo?

Valdemar – Viúva. (*risos da turma*)

Pamela – Não...

Valdemar – Viúva, se meu pai morreu, ela ficou viúva. Você já é viúva?

Pamela – Ela viveu quanto tempo ainda depois?

Valdemar – Infelizmente, eu não decoro datas. Eu tenho um livro aqui que você não leva hoje (*o livro é uma biografia sobre o centenário de Valdemar*). Cadê ele (*referindo-se a Artur*)? Você não leva ele hoje não porque o livro (*não está*) todo corrigido. De primeiro, fazia-se a correção do livro. Pegava um pedaço de papel e fazia: ERRATA. E corrigia. Então, eu mandei ver com um amigo meu. O livro é umas crônicas minhas, aliás muito boas, gostei. O rapaz tá lendo pra mim. Então, toda quarta-feira, ontem

"... o Brasil é o país do se e do quase. O Brasil é o país do se... Se a bola não tivesse entrado, não era gol né? Do se e do quase."

Gabriela ficou muito feliz ao saber que o texto de perfil escolhido fora o dela. O motivo era a paixão do pai por futebol. Ela prometeu mostrá-lo a ele assim que a revista fosse editada. Hora de pagar a promessa, Gabi.

ele veio aqui. Aí eu gostei muito. Eram crônicas que eu fazia e eu nunca estudei. Eu não gostava muito de estudar, mas eu gostava de ler. Eu tenho muita leitura.

Pamela – E quando o senhor... (*entende errado*)

Valdemar – Peraí, o quê?! Deixa eu falar. O que é que você quer?

Pamela e Helena – Não. Pode falar.

Valdemar – Agora, eu me perdi...

Pamela –... Que o senhor tinha muita leitura...

Helena – Porque gostava de...

Valdemar – Não, porque meu avô tinha uma memória prodigiosa. O sujeito vem me dizer que eu tenho a memória boa, mas vou procurar (*as lembranças*). Era meu avô. Era professor primário, mas sabia... Onde é que fica? Tem aí, mas eu não sei, eu não enxergo mais. *Lusíadas (obra escrita no século XVI, considerada a epopéia portuguesa por excelência)*, que vocês devem conhecer, né? De Luís de Camões (1524–1580. *Considerado o maior poeta de língua portuguesa de todos os tempos*), os *Lusíadas*, ele sabia decorado. Todo. São mil e tantas estrofes (1102), ele sabia decorado e eu puxei a ele. Ontem, o rapaz tava lendo o livro aqui, e eu digo: "Pare aí." Tinha um soneto, outro soneto. Eu conferia e dizia pra ele ver se eu estava dizendo direito. O livro que tem aí.

Helena – E esse seu avô, ele era de parte de pai ou de parte de mãe?

Valdemar – De parte de mãe. O Balduino de Almeida Cabral.

Helena – O senhor conviveu muito com ele?

Valdemar – Não, eu não convivo nada com ele, mas é o sangue, né? É o sangue. E, quando eu era menino, não tinha professor primário, tinha professora. Não tinha professor. Agora é tudo misturado, eu não gosto. Tudo misturado, mulher com homem, deixa pra lá.

Aurimar – Valdemar, você largou a escola pra trabalhar, né isso?

Valdemar – Não, meu pai morreu em 18, minha irmã tomou conta, casou-se mal. Pediu (*pra casar*), mas minha irmã morreu. Aí eu estudava no Instituto São Luiz. Então, eu, depois do Instituto, minha mãe me tirou e me empregou ganhando 20 mil réis por mês. Vinte mil réis é mais ou menos 20 reais hoje.

Aurimar – O senhor trabalhava pra ajudar em casa?

Valdemar – É claro! Pobre!

Armando – Ficou em casa até que idade, seu Valdemar?

Valdemar – Eu não decorei data nem nada não. Pois bem, eu então deixei o colégio e me empreguei numa farmácia. Farmácia do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Era ali naquela Praça do Beco da Poeira, Praça da

Lagoinha (localizada no centro de Fortaleza). Sabe onde é?

Todos – Sei.

Valdemar – Ali era Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Hoje não tem isso. Quer dizer, qualquer pessoa levava a criança de um ano, de dois meses, três meses, criança. E eles tinham médicos lá. Negócio de governo não. Receitava gratuitamente e, vizinho, tinha a farmácia que dava o remédio de graça também. Diferente de hoje. Hoje, vocês saindo daqui, um coitado pode matar vocês aí no caminho.

Mirelle – A farmácia então foi o primeiro trabalho do senhor?

Valdemar – É, a farmácia e, quando saí, depois fui pro sertão que eram as minhas férias. Eu arrumei com meus tios e meu irmão, na fazenda deles. Fui pra Pacoti, fui pra fazenda. Andei, quando eu voltei, o farmacêutico me deixou fazendo plantão. Sabe o que é plantão? Tava fazendo. Tinha que fechar a farmácia cedo, quando era dia de terça-feira tinha o plantão. A farmácia ficava aberta até 9 horas da noite, o farmacêutico saiu e me deixou lá. Quando voltou, eu tava dormindo (*rindo*). Depois pedi meu tio que tava aí (*em Fortaleza*). Me levou pra serra e depois eu fui pro sertão, passou-se e tal. Quando eu voltei não tinha emprego mais, né? Eu fui pro outro emprego. Em um prédio de...

Helena – Onde foi?

Valdemar – JR Viana. JR Viana era ele, natural do Rio Grande do Norte, o nome dele era João Rodrigues Viana. A firma era JR Viana. Eu me empreguei...

Pamela – O que o senhor fazia lá?

Valdemar – (*titubeia um pouco*) Varria a casa. Você não tava lá pra me ajudar. Era empregadinho, é isso mesmo. Varria a casa. Depois saí e fui pra outra ganhando 25 mil réis por mês...

Armando – Nesse tempo o senhor já morava só?

Valdemar – Só?! Como é que eu posso morar só, rapaz?

Pamela – O senhor morava com a mãe, né?

Valdemar – Eu nunca morei só. Eu morei sempre com minha mãe. Minha mãe morreu...

Gabriela – O senhor saiu de casa já pra casar, não foi?

Valdemar – Como?

Isabelle – Saiu de casa pra casar?

Valdemar – (*entende errado a pergunta*) Namorei. Namoro é bom, agora no meu tempo era diferente (*do*) namoro de vocês. No meu tempo, não beijava, hoje o pessoal beija. Eu chego lá no Caravelle (*restaurante localizada no bairro Vila União e freqüentado por ele desde a inauguração*), cheio de moça no meio



desse Caravelle. Tudo me beijando e eu beijo elas e tal, mas não... Eu tinha uma *cadeira* de Moral e Cívica. O professor dizia que ninguém beijava o outro porque a saliva transmitia doença. Como é que eu poderia beijar? Não podia. Hoje não, a gente vê, a moça chega e larga o beijo nos... Eu vi um negócio lá na televisão ou no rádio falando, falando em beijo e o beijo, o bom era o bem molhadinho. Molhadinho é cusparada não é beijo, né?

Helena – O senhor disse que sua mãe casou duas vezes...

Valdemar – Não casou três porque não tinha (*alguns risos*).

Helena – E o senhor se acostumou logo com seu padrasto, como é que foi?

Valdemar – Meu padrasto não. Meu padrasto não tinha, eu sou do segundo matrimônio não posso.

Helena – Ah, tá. Seu pai já era o segundo.

Mayara – O senhor teve quantos irmãos?

Valdemar – Do primeiro matrimônio eram seis filhos. Filhos dela. Vamos acabar com esse negócio de irmão que eu não era vivo. Eu sou do segundo. O primeiro, três homens e três mulheres. Aquela ali era uma das mulheres (*aponta novamente para o retrato*). Ester, Letícia e Cleonice; e os irmãos Artur, Oscar e Estaquilino. Pronto, declinei tudo aí. Teve deles que eu não conheci.

Gabriela – O senhor sempre morou na casa da sua mãe e aí depois se casou...

Valdemar – Primeiro que minha mãe não tinha casa. A casa de pobre era alugada, tudo era alugado, ninguém tinha casa. Eu tenho uma casa hoje que os bandidos me expulsaram lá do Mondubim (*bairro da periferia de Fortaleza*), casa minha. Eu paguei durante vinte anos. Tá lá minha casa, eu aluguei por quatrocentos mil réis (*na verdade, quatrocentos reais*), que ninguém tem governo. Hoje tem o Lula que é governo, um carpinteiro, uma coisa lá, como é que ele é Presidente da República?

Pamela – Certo, e na casa que o senhor morava com a sua mãe...

Valdemar – Não tinha casa, a gente pagava o aluguel...

Pamela – E nessa casa que o senhor pagava o aluguel, nessa casa...

Na pré-entrevista, Valdemar identificou-se bastante com Pamela. Apesar de insistir em chamá-la de Tâmara, ele gostou do jeito "espirituoso" da moça. No fim das contas, Pamela ganhou a alcunha de gaia-tinha.

A identificação foi tamanha, que Valdemar convidou Pamela para almoçar com ele no Caravelle, restaurante que freqüenta desde a inauguração e no qual almoça todos os domingos.

Chegamos à casa de Valdemar Caracas e fomos recebidos pela sempre por Dona Luísa, senhora que cuida da casa e da alimentação dele há quase dez anos.



Valdemar – Essa não, várias casas. Saía, encontrava outra melhor e mudava de casa. É diferente da vida de vocês de agora que você...

Armando – Lá na (rua) Senador Pompeu, o senhor morou quanto tempo? O senhor lembra?

Valdemar – Eu morei em mais de uma casa na Senador Pompeu. Senador Pompeu?

Armando – É.

Valdemar – Eu falei Senador Pompeu?

Armando – Foi.

Valdemar – Não, Sampaio. Rua do Sampaio.

Pamela – Governador Sampaio.

Valdemar – Não, eu cheguei (era) Rua do Sampaio. Ali tinha um praça que hoje é ou foi a Escola Normal. Não tinha aquela escola, sabe onde é o Colégio da Imaculada (Conceição, tradicional escola católica de Fortaleza fundada em 1865 e administrada pelas Irmãs Vicentinas)?

Armando – Sei.

Valdemar – Pois sim, ali, o povo chamava, o povo bota nome, Praça do Colégio. Qual o colégio, o colégio que tá defronte. É o colégio das irmãs, Colégio da Imaculada Conceição. Eu não tenho religião não, mas eu sei tudinho. Eu passo quase todo dia, quando eu saio pra rua no Colégio das Dorotéias (antiga escola católica administrada pela Congregação das Dorotéias e fechada em 2005), caminho de Messejana (bairro de Fortaleza). Lindo! Daqui a pouco derrubam. Governo, nós não temos governo, não temos nada não.

Pamela – Seu Valdemar, e quando é que o senhor começou a trabalhar na RVC (Rede de Viação Cearense. Linha ferroviária que operou entre os anos de 1872 a 1966, quando foi incorporada pela Rede Ferroviária Federal S/A, RFFSA)? Porque o senhor falou que tinha trabalhado em um bocado de canto, na farmácia...

Valdemar – Vocês não deixam eu falar.

Pamela – Diga lá então.

Valdemar – Eu sai da farmácia, depois eu fui pra uma loja, A Samaritana. Não, antes d'A Samaritana, teve uma firma alemã ou americana, e eu me empreguei. Arrumei um emprego 25 mil réis. James Jota Rebergue e Companhia. James: J-A-M-E-S (soletra). Jota, Rebergue:

R-E-B-E-R-GUE (soletra de novo) e Companhia. Era de um americano com um brasileiro, sociedade. Era ali na (Rua) Barão do Rio Branco. Depois eu me empreguei na principal loja, A Samaritana. Não é essa Samaritana daqui que vende botão não. A Samaritanas era uma loja de modas. Aí eram trinta mil réis, mas minha mãe era danada, tinha uma prima dela que se dava com o diretor da Rede de Viação Cearense e arranjou um emprego lá, eu ganhando sessenta, saí de trinta pra sessenta.

Artur – O senhor começou na RVC (Rede de Viação Cearense. Linha ferroviária que operou entre os anos de 1872 a 1966, quando foi incorporada pela Rede Ferroviária Federal S/A, RFFSA) fazendo o quê?

Valdemar – Não, era datilógrafo, eu estudei datilografia, e meus conhecimentos de colegial. Eu tinha professor, um diretor do colégio, doutor Francisco de Menezes Pimentel, você perguntava o que é que ele lecionava. Nada. Lecionava tudo. Professor faltava por doença, por um motivo qualquer. Vamos supor que fosse Geografia, a outra ali não é Geografia, é Português, o outro aqui é Latim. Qualquer matéria, ele tinha a capacidade. Foi diretor da faculdade de direito aqui, que hoje pertence à Universidade (Federal do Ceará, UFC). Era ali defronte o coisa (praça dos) Leões, aquele prédio tombado, mas não era aquele prédio não, era outro.

Pamela – E lá na RVC, como é que foi? O senhor foi crescendo aos poucos...

Valdemar – Não, a gente já começa sem ciranda. Era um datilógrafo, empregadinho. Lá eu não varria não. Empregado, datilógrafo e tal. Depois... Isso aí é que você devia ver aqui, tudo troféu que eu ganhei. Pois bem...

Artur – Como é que foi sua evolução dentro da RVC?

Valdemar – Depois eu subi porque a gente procura ir pra frente. Eu como um simples escriturário da estrada de ferro, cheguei a ser na estrada de ferro o que ninguém foi, a não ser o diretor. Eu não era engenheiro, certos lugares (funções) eu não podia desempenhar, né? Só pode ser o engenheiro, mas... Eu não era engenheiro, mas eu fui tudo. Exerci uma liderança que vocês ficam com inveja.

Aurimar – Foi dessa liderança que você passou a exercer que nasceu esse interesse pela política?

Valdemar – Eu lá na estrada, eu vou te dizer, eu fundei a União dos Ferroviários, lá, trabalhando ainda. A União dos Ferroviários (localizada na Rua Senador Alencar, nº 596), o primeiro presidente fui eu e depois, na segunda (vez), fui novamente presidente. Tá vendo?

Aurimar – As duas primeiras presidências foram suas, né?

Valdemar – Foi duas vezes. Presidente ree-

Acomodamo-nos na sala do apartamento, que fica no terceiro andar do prédio. Algumas pessoas sentaram no sofá, outras em cadeiras ou no chão para fazer a entrevista.

leito. Depois eu me aposentei, fundei a União dos Ferroviários Aposentados (*na verdade, Associação dos Ferroviários Aposentados, localizada na Rua João Moreira, 540*). Primeiro presidente, eu. Reeleito. Mais força do que isso não tinha.

Artur – É verdade.

Valdemar – Depois eu organizei o Ferroviário. Operários fundaram, mas eu é que mandava. Quem mandava era eu.

Pamela – Seu Valdemar, me diz um coisa. Na época que o senhor tava na RVC, o senhor teve um tempo que foi pra Missão Velha (*cidade localizada a 392 km de Fortaleza, pertencente à microrregião do Cariri*), não foi?

Valdemar – Eu sempre gostei de fazer uns versozinhos, tá me ouvindo? Fui metido a poeta.

Leonardo – Faça um agora.

Valdemar – Tô velho, tô acabado, mas eu sirvo. O diabo é que botar o sujeito pra fora eu não posso.

Helena – Como é que o senhor foi lá pra Missão Velha?

Valdemar – Eu, por exemplo, Missão Velha, eu fiz uns versos com meu chefe. Morreu já ele. Era engenheiro, e ele pegou e me transferiu pra Missão Velha.

Helena – E o que é que tinha nesses versos?

Valdemar – Foi onde eu tive minha primeira namorada e a segunda. Tá, vamos pros namoros agora. A primeira namorada minha foi de Missão Velha em 1926. Assisti à inauguração da estação de Juazeiro (*maior cidade do Cariri cearense, distante 570 km de Fortaleza*), no dia sete de novembro. Dois dias depois foi a inauguração da estação de Crato (*também pertencente ao Cariri e localizada a 562 km de Fortaleza*).

Armando – Como era o nome dela?

Valdemar – Deve ter morrido, ela não agüentou não. A primeira era Adélia.

Pamela – Adélia?

Valdemar – E a segunda, Elita. Lá de Missão Velha.

Armando – Conheceu como?

Valdemar – Ah, assim não. Negócio de namoro ninguém...

Armando – Não tava querendo falar das namoradas?

Valdemar – Ensinar vocês a namorar? Vocês estudam lá na Universidade.

Pamela – E além de namorar, o que é que o senhor fez quando tava em Missão Velha?

Valdemar – Trabalhava, era datilógrafo. (*Usava*) o que eu aprendia lá (*em Fortaleza*), não paguei até professor pra me ensinar datilografia? Eu aprendi datilografia ali na Praça José de Alencar (*localizada no centro de Fortaleza*), não a de hoje. Aquela praça ali era Praça

Marquês do Herval.

Pamela – Certo. E lá em Missão Velha, o senhor também visitou aquela região, os municípios vizinhos, Juazeiro, o senhor falou...

Valdemar – Não, não. Juazeiro, Missão Velha, depois de Missão Velha é Crato. Duas estações foram inauguradas. O que é que ele tá fazendo mugango aí? (*risos*) (*Valdemar se referia a Aurimar que estava gesticulando algo para Gabriela*) Fazendo mugango?

Aurimar – É.

Valdemar – Então, a estação de Juazeiro foi inaugurada em sete de novembro, dois dias depois, dia no meu aniversário, foi inaugurada a de Crato. Eu conhecia só Crato e Missão Velha, depois já com o futebol e essas coisas foi que eu conheci os outros lugares ali, Várzea Alegre, Aurora. Não, Aurora eu já tinha conhecido.

Armando – Trabalhava muito naquele tempo?

Valdemar – Depende da época.

Pamela – Missão Velha.

Valdemar – Não. Meu serviço era datilografia. Se tivesse fazia, senão ficava por ali mesmo.

Helena – O senhor viu Padre Cícero (*Cícero Romão Batista, 1844-1934. Sacerdote cearense com grande devoção popular. Chamado carinhosamente de Padim Ciço, teve grande influência na vida religiosa, social e política do Ceará*) e Lampião (*Virgulino Ferreira da Silva, 1897-1938, foi o nome de maior destaque do cangaço – fenômeno originado no Nordeste do Brasil devido a questões sociais e fundiárias*) quando trabalhava lá em Missão Velha?

Valdemar – Não, não vamos misturar uma coisa com a outra.

Helena – Como foi?

Valdemar – O Padre Cícero era um homem bom. Não era santo, fazia milagre nem nada, era um homem bom.

Helena – Chegou a conhecê-lo?

Valdemar – Eu fui conhecer, mas Missão Velha tava construindo a estrada de ferro. Um trecho de Missão Velha a Juazeiro e o outro trecho de Juazeiro a Crato. Era obrigado. A gente todo dia circulava por lá.

Armando – E como era o contato do senhor com os ferroviários?



Em pouco tempo, seu Valdemar chegou à sala, no andador, e, como de costume, sentou em uma cadeira de madeira, daquelas de balanço, para conversar com o grupo.

Logo no início da entrevista, um clima tenso contagiou toda a turma. Seu Valdemar reclamou que nós não tínhamos telefonado com antecedência para confirmar a entrevista. Tivemos de explicar que havíamos falado com dona Luísa, até ele aceitar continuar a conversa, apesar de dizer que não estava de bom humor naquele dia.

Depois do carão, algumas brincadeiras para descontrair e, só então, a turma começou a conhecer a personalidade forte daquele homem centenário.

Valdemar – Não, o Ferroviário foi fundado depois. Não faça confusão.

Pamela – Não, com os trabalhadores da ferrovia.

Valdemar – Eu não expliquei a vocês aqui? Eu era datilógrafo.

Pamela – Tinha muitos amigos lá?

Valdemar – Eu fui datilógrafo até depois... Eu fui nomeado escriturário por ato do Presidente da República, eu tenho aqui. "Presidente da República: Washington Luís Pereira de Sousa." Presidente hoje não... O Lula, o que é que o Lula é?

Aurimar – Torneiro-mecânico.

Valdemar – Torneiro-mecânico! Torneiro-mecânico ia trabalhar na oficina do Urubu. Não pode ser Presidente da República.

Aurimar – O senhor ficou quanto tempo em Missão Velha?

Valdemar – Um ano.

Aurimar – Aí depois voltou pra cá e daí começou...

Valdemar – Não. Depois – a minha mãe me arrumou – eu passei pra Quixeramobim. Depois de Quixeramobim (*município do Sertão cearense distante 203 km da capital*), eu vim pra Fortaleza.

Walber – Mas seu Valdemar, o senhor conheceu o Padre Cícero?

Valdemar – Conheci.

Walber – E o Lampião também?

Valdemar – Eu tomava café quase todo dia lá. A casa dele (*padre Cícero*) era na rua São José. Hoje deve tá mudado, ter mais um andar porque a mania nossa é subir. Você não vê o Brasil tão grande e cheio de arranha-céus? Besteira!

Pamela – E o Lampião, o senhor conheceu? O senhor chegou a ver?

Valdemar – Não. O Padre Cícero, todo mundo gostava dele, ele tinha uma projeção muito grande no Cariri. E então chegou um médico aqui da Bahia, o baiano Floro Bartolomeu da Costa (1876-1926, *médico e político. Era amigo de Padre Cícero e foi um dos líderes da Sedição de Juazeiro*). Ele chegou como um alento porque não tinha médico. Médico pra não sei quantos quilômetros, não tinha médico e o padre amparou esse Floro. E o Floro mandou chamar Lampião pra combater a Coluna Prestes (*movimento político-militar brasileiro existente entre 1925 e 1927 e ligado ao tenentismo*) e o Lampião veio. Nós morávamos em Missão Velha e saímos de trolho (*o nome certo é trole, uma espécie de carro pequeno e descoberto que anda sobre os trilhos das ferrovias e é movido pelos operários por meio de varas ou paus ferrados*), trolho de mão. Depois deixamos, alugamos um burro e fomos a Juazeiro, conhecer, ver Lampião, mas não foi atrás de conversar com ele. Eu lá quero negócio com

cangaceiro!

Mirelle – Qual foi a curiosidade que o senhor teve de ver o Lampião? Por que é que o senhor queria ver o Lampião?

Valdemar – Por curiosidade. É a mesma coisa, se você fosse da minha idade, você tinha ido ver, tinha procurado ver. Quem não tem curiosidade? Mas ter ido conversar com ele, eu não ia não. Agora com o padre eu conversei mesmo. Conversei não, que o Padre Cícero não deixava você conversar. Ele falava sozinho. Jantei um dia na casa dele, quando inauguraram a Estação de Juazeiro. Ele ofereceu um almoço pro pessoal do escritório e eu fui no meio. Já era meio taludo.

Mayara – E o que o senhor acha dessa história de dizer que ele faz milagre, que ele é milagroso?

Valdemar – Isso é besteira! Ele tinha o secretário dele que era o Zé Ferreira e eu (*uma vez estava*) conversando com o Zé Ferreira. Saiu um santinho com o retrato do padre e os anjos, aqueles sabe? Então eu disse: "Zé, eu não gostei não, padre cercado de anjo. Ele não tem nada disso não." Aí o Zé Ferreira me disse: "Não Caracas, nem eu, nem o padre gostamos." (*E eu perguntei*) "E como é que sai?" Ele dizia: "É porque o padre tem a idéia fixa de não contrariar oromeiro. Se oromeiro disse que ele é milagroso, ele aceita, se disser que ele não é, ele aceita."

Artur – O senhor, nesses cem anos, já perdeu seu pai, sua mãe, todos os seus irmãos, todos os seus amigos queridos. Eu queria saber o que o senhor sente. Qual seu sentimento ao perceber que todas essas pessoas se foram e o senhor não tem ninguém mais hoje em dia que compartilhe das suas lembranças?

Valdemar – Engraçado, eu escrevi pra essa rádio Cidade durante mais de dez anos um crônica aos domingos. Eu fazia, no sábado, as crônicas, passava na (*avenida*) Tristão Gonçalves, eu entregava e o Carlinhos – o Carlos Alberto é que toda quarta-feira vem aqui conversar comigo – tinha um programa "A cidade recorda", na Rádio Cidade. Ele lia nos domingos pela manhã. Ontem, eu ouvi pela primeira vez. Esse livro que eu vou dar a ele (*a Artur. O livro em comemoração ao centenário de Valdemar*), eu nunca li esse livro. E ontem ele veio pra eu ouvir minhas crônicas. Eu achei tão boas. Engraçado, achei boas, bem-feitas. Com data fixada, que eu não decoro datas. Então ali é um documento, muito importante. Ele tá corrigindo porque eu peguei quatrocentos erros em cada livro desses. Mas é bom. Tanto eu fui homenageado (*pela*) Câmara Municipal. Eu não gosto disso não, mas, no fim, se aceita. Então, eu fazia as crônicas e quando eu fiz os noventa anos meus, minha filha veio aqui. Pediu pra eu escrever um livro sobre a minha vida e eu

De cara, ele perguntou pelo Pires (Artur), Aurimar e, como não poderia deixar de ser, pela 'gaiatinha', Pâmela. Após as reapresentações, a entrevista finalmente começou.

fiquei abismado. Muito porque eu nunca tive ninguém intelectual na minha família.

Pamela – Por que o senhor não queria escrever o livro?

Valdemar – Se deixa falar, eu digo.

Pamela – Diga.

Valdemar – Porque eu não gosto. Não gostei. Ela pegou e aceitou. Foi por trás, falar com uma pessoa muito conhecida nossa que morreu outro dia, morreu há pouco, não faz nem um ano, algum de vocês deve conhecer ele, Eduardo Campos (1923-2007. *Teatrologo, jornalista, escritor e pesquisador cearense*). Eduardo é amigo nosso velho. E ela foi pro Eduardo Campos e reuniu. A coisa mais fácil do mundo: reuniram as crônicas, fizeram o livro. E eu não li esse livro, faz duas quartas-feiras que o Carlinhos vem ler pra mim. Mas gostei. Tá aqui minha cara (*mostra a foto da capa do livro*).

Helena – O senhor ontem, ouvindo suas crônicas, o senhor lembrou de muitos amigos seus?

Valdemar – Quando a crônica fala a gente lembra, né? Só se eu fosse doido de não lembrar.

Artur – Como é que é isso pro senhor? Essas lembranças?

Gabriela – Dá saudade?

Aurimar – Dá saudade dos amigos quando o senhor lembra deles?

Valdemar – Não, ninguém tem amigos. Tem alguns sabia? Então dá saudade daqueles que você gostava deles. Ainda hoje eu tava conversando, veio um amigo meu aqui de muito tempo e a conversa era sobre pessoas que já morreram: Vicente Monteiro, que era vice-presidente do Ferroviário, o engenheiro Telmo Bessa, que foi professor, parece, da Universidade. E assim por diante, a gente se lembra daqueles que... Se lembra dos ruins, mas deixa pra lá, não é?

Isabelle – Como é que nasceu a amizade do senhor com o Eduardo Campos?

Valdemar – Ah, eu tenho muita história. A gente se conhece há muito tempo. Me conhecia, lamentei muito a morte dele. Perder, nós perdemos, eu sempre digo assim, nós perdemos Blanchard Girão (1930-2007. *Jornalista e escritor cearense, quando deputado estadual, teve o mandato cassado em 1964 por opor-se ao regime militar*). Eu tenho livros dele aí. Não tem só um livro não, tem outros. Eduardo Campos. Duas pessoas da minha estima. Faz falta esses. Agora todos os domingos eu bato um papo com o Cid Carvalho (*jornalista cearense. Apresenta diariamente no rádio a crônica "Doa a quem doar"*) lá na Praça do Ferreira, quase todo domingo. Todo sábado.

Gabriela – E o senhor tem saudade da sua esposa?

Valdemar – Saudade? Não posso nem responder. Porque, se eu não tiver, eu digo que teve. Ninguém vai dizer que não teve. Eu tenho saudade da minha mulher. Minha mulher casou mal, não que eu seja ruim, não sou ruim, mas ela casou se mal. Minha mulher merecia, usando esse termo católico aí, ser canonizada. Foi uma santa. (*Merecia*) ir pro céu direto, sem pedir licença a ninguém.

Mayara – Como é que o senhor a conheceu?

Valdemar – Eu tive cinco namoradas. Primeira, Adélia. Segunda, Elita. Terceira, Terceira quem é? Ah, uma lá do Pacoti, Mozinha. Mozinha Sampaio. A quarta foi aqui em Fortaleza, era lá de Redenção (*município cearense localizado a 55 km de Fortaleza e pertencente ao Maciço de Baturité*), Suzana. Mas me deu um fora (*começa a rir*). Aí a gente não gosta de ficar sem nada. Então, eu fui namorar com a dona Anete. A minha mulher é a Anete. A minha mulher é uma santa.

Isabelle – Porque que ela é uma santa?

Valdemar – Porque é. O predicado dela é uma santa. Ela era pra ter casado com um protestante, ela era presbiteriana. Era pra ter casado com um pastor, o coronel Vitória. Eu era um brincalhão, eu peguei ela porque a gente tem que pegar, se a namorada deixar, a gente pega outra.

Leonardo – Como é que o senhor a conquistou?

Valdemar – Ah, eu não ensino não. (*se demora um pouco*) Morava perto dela, mesmo quarteirão, pronto. Passava na calçada um do outro daí a pouco. Tá... Ela tava preenchendo um lugar, o vazio na minha pessoa.

Helena – Se deixou um vazio, é porque Suzana foi importante, não é?

Valdemar – Não, é porque ela não queria bem a mim. Eu quis bem a duas pessoas no mundo: minha mulher e minha filha, a Vanda. Minha filha, hoje, eu não gosto dela. Ela discute muito comigo, eu acho que ela não deve discutir.

“Minha mulher casou mal, não que eu seja ruim, não sou ruim, mas ela casou-se mal. Minha mulher merecia, usando esse termo católico aí, ser canonizada.”

A morte de seu Francisco causou muito sofrimento a toda a família, em especial a seu Valdemar, que tinha cerca de 11 anos quando perdeu o pai.

Por causa do início precoce no trabalho, Valdemar deixou de estudar e passou a dedicar suas horas à farmácia do Instituto de Proteção e Assistência à Infância.

A filha de seu Valdemar, Vanda, teve mais três filhos, mas o único que tem contato direto com ele é Rui, por quem Valdemar demonstra total admiração e respeito.

Artur – Falando da sua filha, a Vanda, *seu* Valdemar, o senhor a teve numa época em que era muito comum os casais terem muitos filhos. Por que então só a Vanda?

Valdemar – Eu não sei, isso é só...

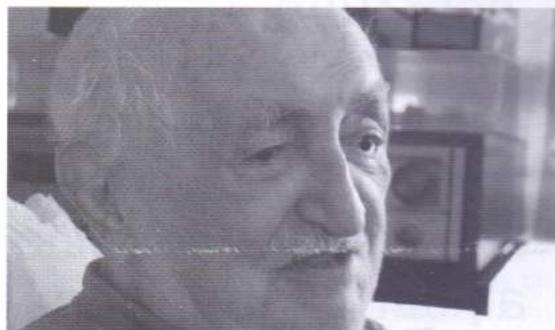
Helena – O senhor queria ter tido mais filhos?

Valdemar – Não, (*a gente*) teve mais dois filhos: um morreu na extração e o outro nasceu morto. Então, um camarada chegou pra mim e disse: “Caracas, tá faltando uma coisa. Seus filhos, dois rapazes bonitos e fortes e nasceram mortos.” Um nasceu morto, o outro foi extraído. Aí, ele disse: “Você faça o seguinte, eu não sou médico não, mas a sua mulher tem que tomar lá uma vitamina, um negócio pra barriga” Uma espécie de uma vitamina que a mulher no parto, ela toma. Então, mandei vitaminar a mulher e a minha filha não morreu. E minha filha teve doente, teve uma apendicite, isso aí é porque não tem que morrer. Apendicite aguda, suturada e gangrenada. Passou na casa de saúde dezoito dias, por aí você vê. Escapou. Minha filha sofreu muito. Eu ainda agüento ela aqui, sofreu muito. (*pausa*) Deixe eu contar o negócio do doutor Pimentel. Posso contar?

Todos – Pode.

Valdemar – Doutor Pimentel, ele dava muita vivência nas aulas, viu? Falava alto, contava histórias, um grande mestre! E então, tava na aula de Português, eu tava nessa aula, eu era aluno. Dizia ele: “Eu comi a galinha. *Seu* Florival Sereno – Florival era um aluno que depois se formou em Medicina –, em que voz está?” Na voz ativa, não é? Eu comi a galinha. Tá na voz ativa: “A frase está na voz ativa.” O seguinte era o rapaz do Piauí, nervoso, *seu* Lelis. Mas o doutor Pimentel, ele enfeitava: “*Seu* Lelis Teles de Meireles – não tinha nada disso –, passe essa frase pra voz passiva”. O seu Lelis era um aluno daqueles bem nervosos, coçou a cabeça e coçou aqui o nariz e tal: “A galinha me comeu” (*risos*). Quer dizer, o doutor Pimentel dava uma alegria na classe. Você chegava, falava na Bahia: “Ó Bahia, minha Bahia, terra de todos os santos. Em cada porta um negro, merda por todos os cantos”. Animava, não era pornografia, era essas coisas que nascem com as coisas.

Mayara – *Seu* Valdemar, e dos seus amigos



Falando do neto Rui, é com ele que seu Valdemar costumava ir para o estádio assistir às partidas do Ferroviário.

da ferrovia, da oficina do Urubu, o que é que o senhor lembra?

Valdemar – Lembrar o quê? A oficina do Urubu era de operários, trabalha o ano todo, mil coisas: um aplaina, outro... Mil coisas.

Mayara – O senhor fez muito amigos lá?

Valdemar – Não, amigo a gente procura fazer em toda parte, mas não é amigo não, é conhecido.

Pamela – *Seu* Valdemar, me diga uma coisa, e hoje em dia como é a rotina do senhor?

Valdemar – Se de mim dependesse, (*a morte*) já teria me levado. Você agüentar uma casa dessa aqui sozinho. Aqui a dona Luísa fica pra acolá e eu aqui. Só saio no dia de domingo. Eu saio daqui vou pro Caravelle, que o Oscar (*Holanda, proprietário do estabelecimento*), eu conheço há cinqüenta anos. Vou pra lá, as filhas dele querem muito bem a mim, me levam, me trazem pra casa. Cada filho do Oscar tem um carro, vem me deixar aqui. Agora não tô gastando mais gasolina de lá pra casa.

Helena – Fora o Caravelle, tem outro lugar?

Valdemar – Só se você inventar uma coisa, só vou pro Caravelle. Pro Raimundo dos Queijos! Eu passo no Raimundo dos Queijos (*tradicional ponto de venda de queijo, paçoca, lingüiça, manteiga e outros produtos típicos da culinária nordestina, localizado na Travessa do Crato, no Centro de Fortaleza*)...

Helena – Quando é que sai com o Cid Carvalho?

Valdemar – Não, o Cid Carvalho é porque o Cid já tá perto de morrer também. Então, eu quero muito bem, é um sujeito que tem cultura. Foi seu professor?

Gabriela – Não.

Valdemar – Pois é, mas tem muita cultura. E eu vou pra apreciar, eu assisto as crônicas dele, ainda hoje eu assisto. Dona Luísa foi dizer que vocês vinham, eu disse “Quero nem saber de quem vem ou não vem, eu quero que você cuide das crônicas do Cid”. Eu, todo dia, assisto a crônica dele e uma crônica que sai na (*rádio*) O Povo de uma mulher, deve ser em Brasília. Como é o nome da mulher? Lúcia Hippolito. Ô nome feio pra uma mulher. Procurem saber dela, são duas crônicas que ela faz por dia: é uma de manhãzinha e a outra é seis horas, seis e meia da tarde.

Isabelle – O senhor sente saudades de escrever crônicas?

Valdemar – Sim, mas eu não enxergo, ou melhor, eu enxergo pouquíssimo. Esses médicos hoje não entendem mais nada. Tem médico aí?

Todos – Não.

Helena – O senhor começou a se interessar e se envolver com política quando?

Valdemar – Eu exercia uma liderança, se eu era um líder da minha classe, a política mistu-

ra. Eu assistia... Olhe, chorando (*os olhos dele lacrimejam*). É a velhice. Um médico meu, que era o doutor Sérgio Gomes de Matos, me disse (*que*) meu mal é incurável. "Incurável o quê? Diga o que é que eu tenho? É câncer, é isso?" (*Ele disse:*) "Não, é a idade." É a idade, mal incurável.

Helena – E quando o senhor foi eleito, o senhor teve muitos votos só entre os ferroviários? Você era o líder deles.

Valdemar – Você mistura muito as coisas. Você mistura eleição com Ferroviário. Tem nada a ver.

Helena – Não, os operários da ferrovia, não era o Ferroviário, time.

Gabriela – O pessoal que trabalhava na RVC, foram eles que ajudaram o senhor a se eleger?

Valdemar – Foi eles não. Tem nada a ver com a RVC não. Você é eleitora?

Gabriela – Sou.

Valdemar – Pois é, tem nada com a RVC não. O título é um documento de identidade nosso.

Armando – E como foi a campanha do senhor, *seu* Valdemar?

Valdemar – Não, toda eleição eu entrava. Teve outra eleição que eu fui eleito e não atingi o quociente. Fui eleito duas vezes.

Helena – E qual era o seu partido?

Valdemar – Não tinha meu partido. Partido Republicano Conservador, eu vou lhe dar um. Esse aqui eu fui eleito. O partido que eu sou dele é o Partido Socialista (*Brasileiro, PSB*), partido têm vários.

Artur – E não é contraditório não, o senhor se eleger pelo Partido Republicano Conservador e depois fundar o Partido Socialista Brasileiro?

Valdemar – Eu não fundei o Partido Socialista, eu fiz parte dele.

Artur – Mas não é uma contradição não isso?

Valdemar – Nós não temos nada, temos aproveitadores, você é jovem, você não sabe o que é a vida não, quem sabe da vida sou eu. Deixe que, mais adiante, essa pergunta que você fez, quem vai responder a você é você mesmo.

Gabriela – O senhor foi eleito uma vez vereador de Fortaleza...

Valdemar – Eu já disse, nesse instante, que fui eleito mais de uma vez. Partido Republicano Conservador foi 36. (Em) 37, o Getúlio deu o golpe e tomou (*período conhecido como Estado Novo. Ocorrido de 1937 a 1945, caracterizado pela concentração de poder nas mãos de Getúlio Vargas. Foi encerrado pelas Forças Armadas*).

Pamela – Como foi nessa época em 37, que o Getúlio deu o golpe e o senhor teve que de-

ixar de ser vereador?

Valdemar – Eu voltei pra minha repartição. O meu emprego, ninguém podia tomar não. Eu era empregado da rede de Viação Cearense, quando você vai exercer uma função eletiva, o seu lugar tá guardado, ninguém toma o lugar seu não.

Gabriela – Seu Valdemar, e quando o senhor foi vereador, assim, quais foram as...

Valdemar – Sim, e depois fui pro Partido Socialista. Eu não era de partido nenhum. Esse Sérgio Novaes (*ex-vereador de Fortaleza e ex-deputado federal pelo PSB. Atualmente, é presidente da Companhia das Docas do Ceará*), que é presidente do Partido Socialista, fez uma reunião e foi lá e me botou no céu. Aí eu me engajei no partido. O que é que eu posso fazer?

Gabriela – O que é que o senhor fez quando foi vereador aqui de Fortaleza?

Valdemar – A minha obrigação.

Artur – Mas de concreto.

Gabriela – O senhor lembra de alguma coisa que o senhor propôs?

Valdemar – Eu fiz, inclusive, discursos na Câmara Municipal contra a infiltração japonesa no Brasil. Faz cem anos (*do início do processo de imigração japonesa ao Brasil*).

Pamela – E por que o senhor era contra?

Valdemar – Ah, mas por que você não vai ser vereadora pra dizer lá?

Pamela – Naquela época, o senhor já era contra por quê?

Valdemar – Minha vida não dá pra gente explicar assim não.

Pamela – Assim por cima, dá pro senhor explicar?

Valdemar – Não, é porque era uma infiltração dentro do nosso país para, mais adiante, eles tomarem conta. Peraí, eu passo na padaria, compro um pão, eu pesava o pão... Por que o pão tava mal pesado? Era um discurso. Tava explorando o povo. Vocês deviam ter umas aulas pra isso mesmo pra vocês saberem tudo isso que é pra vocês não tarem fazendo tanta pergunta.

Isabelle – O senhor sempre gostou de política?

Valdemar – É, aí tem outra coisa, é a in-



Há algum tempo, Valdemar não vai ao estádio. Era para o Presidente Vargas, onde tem cadeira de honra, que ele ia ver os jogos do Ferrim. Ele também nos conta que não gostava de ir ao Castelão.

O apartamento onde mora seu Valdemar é simples. Os móveis são os essenciais e um, especial, bem marcante: uma estante de madeira, com livros e porta-retratos que próxima à cadeira onde ele costuma sentar.

Em outro móvel da casa, também perto da cadeira de balanço, Valdemar mostra com orgulho os troféus que já ganhou e os livros bibliográficos que fizeram dele: um de crônicas, quando ele completou noventa anos, e o outro, mais recente, do centenário.

clinação. Você tem uma inclinação política. Tem gente que não tolera política, eu não, eu já apreciei. Esse Jânio Quadros (1917-1992, presidente do Brasil entre janeiro e agosto de 1961 renunciou alegando que "forças terríveis" o obrigavam a esse ato) foi lançado presidente da república por causa do Carlos Lacerda (1914-1977, escritor, jornalista e político brasileiro. Como membro da União Democrática Brasileira foi vereador, deputado federal e governador da Guanabara. Além disso, fundou o jornal *Tribuna da Imprensa*). É história, eu tenho história.

Helena – O senhor pode contar pra gente um pouquinho da história de quando o Getúlio deu o golpe de 37. Porque a gente não viveu na época...

Valdemar – Ele deu o golpe de besta porque o Getúlio era um sujeito bem-quisto, o povo gostava dele. E ele deu o golpe, depois meteu a bala na cabeça e eu tô vivo aqui conversando com vocês. Ele meteu a bala na cabeça dele. O sujeito não pode fazer isso. Eu sempre digo a minha filha: "Filha, eu tô perto de morrer, mas de uma coisa fique sabendo, seu pai não vai se suicidar". Porque eu não vou me suicidar não é por mim. Pra mim não adianta nada. Porque aqui é minha mulher, é minha filha, são as pessoas que ficam. Não, não pode. A vida pertence ao outro, não é a gente não. A vida pertence aos outros, a quem gosta da gente, a quem estima a gente, a quem vive na dependência da gente. Os outros é quem são importantes.

Gabriela – E o que foi que o senhor fez no PSB?

Valdemar – Eu não fiz nada. No partido, a gente não faz nada, vota neles lá, quem faz é quem foi...

Gabriela – Porque dizem que o senhor fundou, mas o senhor tá dizendo aqui que não fundou o PSB, mas não teve nenhuma participação lá?

Valdemar – Não, eu era lá dos diretórios, mas não fui presidente. Sempre quem é o presidente é quem comanda, viu? É o comandante, é o presidente. Eu gosto muito é disso, des-

"Eu nunca quis ser presidente do Ferroviário. Presidente eu nunca fui porque não quis ser. Eu nomeava o presidente."

O rádio também é equipamento comum na casa de Valdemar Caracas. Ele acompanha a programação das emissoras AM e fica por dentro de tudo que está acontecendo no mundo.

sa conversa, conversa besta, é bom, eu gosto de me comunicar.

Pamela – O senhor falou que gosta de se comunicar e tinha também essa participação política. Nessa mesma época, o senhor começou a atuar como técnico e também participando diretamente do Ferroviário...

Valdemar – Eu não falei nem do Ferroviário ainda.

Pamela – Mas é porque eu já estou adiantando aqui pro senhor pra gente entrar no futebol. Como é que era participar de várias coisas? Porque o senhor era inclusive radialista.

Valdemar – Não, o Ferroviário é um time de futebol, você sabe, né? E então, eu era da estrada (*de ferro*). Desde menino, eu gosto de futebol. A gente jogava com a bola de meia – uma meia e, dentro, retalhos de pano. Eu gostava muito dessas coisas. Eu joguei muito futebol na Praça da Lagoinha, ali tinha trave de futebol, tinha clubes que não existe mais aqui.

Pamela – Nessa época não tinha o Ferroviário ainda, né?

Valdemar – Sim, veio uma ordem do Rio, pra gente fazer um serviço extraordinário lá nas oficinas do Urubu, lá perto da Barra do Ceará (*bairro que também denomina uma praia de Fortaleza. Foi lá que se iniciou o processo colonização portuguesa na capital*). Fazer um serviço extraordinário pra reparar carros, os operários, os "Lulá", repararem os carros. Então, tinha um intervalo, era 15h e 30min, não 16h e 30 min, 17h e 30 min, que era pros operários descansarem pra pegar o serviço extraordinário. Quem morava ali perto, ia pra casa, jantar, tomar um banho, pra voltar. Às seis horas, recomeçava. Os que moravam longe não tinham pra onde ir. O que é que eles fizeram? Limparam a relva, arrancaram. E a relva é constituída, interessante isso, de matapasto, que é um mato, e jurubeba, a jurubeba até tem a parte medicinal. Ficava ali e eles então botavam os dois times. Todo dia era o mesmo time, passava uma hora jogando, Matapasto e Jurubeba, tá os nomes. E saíram jogando pelos subúrbios, por aí. Depois eu soube que eles estavam se excedendo. Quando não gostavam do juiz, tomavam o apito, outro juiz apitava e eu sou contra indisciplina. Eu sou contra greve. Greve não constrói nada. O médico de greve? Não pode. Sua mãe tá pra morrer, aí o médico vem porque tá de greve. Greve não pode, greve não constrói nada. Eu nunca fui de greve.

Aurimar – O Ferroviário surgiu dessa...

Valdemar – Então, eu mandei chamar os chefes lá. Eu já tava mandando mesmo e disse: "Vocês fundaram o Ferroviário, tão jogando aí pelo subúrbio, mas tão se excedendo. Então, quem vai mandar nele sou eu." Eu era assim. Eu ia ser militar, minha mãe não deixou. Então pronto. Aí eu tomei conta. Eu estando

no meio, quem manda sou eu. Desde que é em benefício da gente, da coletividade, daquela turma ali.

Aurimar – Nesse primeiro momento, qual era a sua função no Ferroviário quando ele nasceu? Era diretor, coordenador...

Valdemar – Eu nunca quis ser presidente do Ferroviário. Presidente eu nunca fui porque não quis ser. Eu nomeava o presidente. Por exemplo, meu chefe foi o engenheiro Elzir Cabral que morreu outro dia e o outro, quem foi o outro? Não sei quem foi. Eu nomeava. Por exemplo, eu dizia: “Você quem vai ser presidente”. Eu mandava, eu era o mandão. Dizer a verdade, que eu não vou enganar vocês.

Aurimar – Quer dizer que tinha o presidente, mas quem mandava na prática no Ferroviário era você?

Valdemar – É, quem mandava era eu.

Mayara – Os jogadores achavam ruim que o senhor mandasse ou eles gostavam?

Valdemar – Não, quem mandava era eu. Eu, na Estrada de Ferro, era tudo, rapaz. Só não mandava no diretor porque o diretor era o chefe da estrada todinha.

Mayara – Mas ninguém se incomodava?

Valdemar – Eu chegava aqui na Estrada de Ferro e havia os carros especiais, que era pro diretor. Era A1, A2 e A3. Carros especiais não é esses carros de vagabundo. Eu mandava pegar um carro e saía porque eu tinha força lá dentro. Eu exercia uma liderança. Vocês são novatinhos ainda. Deviam ter aula lá de liderança.

Aurimar – A partir de que momento o Ferroviário começou a se destacar aqui no futebol cearense?

Valdemar – Eu não sou de data. Não sei. Aí, quando você pegar o livro (*a bibliografia escrita sobre Valdemar Caracas*), você vai saber.

Isabelle – O senhor quis ser jogador de futebol?

Valdemar – Não, eu não. Meu genro que tá doente, que vai morrer dessas doenças que você não tem jeito mais, foi half-direito (*lateral direito*). Esses bestas de hoje não sabem o que

é futebol. Futebol é improviso, ninguém ensina futebol. Ninguém ensinou o Pelé a jogar futebol, nem o Garrincha, nem o Nilton Santos. Futebol é talento: vem.

Pamela – E o senhor não tinha talento não pra jogar?

Valdemar – Não, não tinha. Acho que não. Eu não posso me julgar não.

Helena – E antes do Ferroviário, o senhor participou de algum outro clube?

Valdemar – Eu comecei a gostar do futebol (*quando*) ainda estava no colégio. Então, aqui tinha quatro times ou cinco times de futebol. Tinha Ceará, Ceará já tinha, viu? Stella (*rindo*), Stella era o nome do Fortaleza, nome de mulher. Perai, Ceará, Stella, Guarani, que tinha a cor do time que eu torço lá no Rio de Janeiro, Fluminense. Guarani e Bangu. Bangu era encarnado e branco. Aí, eu escolhi o Ceará pra torcer.

Artur – Mas *seu* Valdemar, o senhor escolheu o Ceará pra torcer e aí depois?

Valdemar – Sim, depois passou-se e eu vim morar no Alagadiço. Alagadiço é a (*avenida*) Bezerra de Menezes hoje. Vim morar ali perto e tinha dois times de futebol: tinha o Maguary e Peñarol. E eu comecei a freqüentar as festas do Maguary e eu fiquei ali. Então daí a pouco eu tava jogando no segundo quadro, no quadro de aspirantes do Maguary. Daí a pouco, eu era secretário do Maguary. Depois eu briguei lá, eu sou meio brigão. Aí me expulsaram do Maguary.

Artur – Mas como foi essa briga que causou a sua expulsão?

Valdemar – Porque eu disse que era carneirada, chamei a diretoria de carneirada. Carneirada é uma pessoa (*que*) segue os outros sem ter pensamento certo. Aí, o sujeito me interpretou muito errado, o imbecil lá. Disse que carneiro tinha chifre, chifre era corno e, então, eu tinha chamado ele de corno. Ora mais! Aí me expulsaram, eu recriei a Assembléia Geral e entrei. Voltei pro meu lugar. Eles não podiam me expulsar porque eu fui eleito por Assembléia Geral. Só quem podia me expulsar era a



Valdemar Caracas é um apaixonado por leitura. Por conta da visão debilitada, ele agora lê pelos olhos dos amigos, que vão até o apartamento dele para ler livros.

A memória de Valdemar é seletiva. Ele costuma lembrar o que gosta. O futebol é um tema que ele nunca esquece e gosta de falar sempre, principalmente quando chega algum torcedor do Ferrim.

A paixão, entretanto, é somente pelo futebol dos clubes brasileiros. Valdemar não costuma acompanhar jogos internacionais nem partidas da Seleção brasileira: "Eu sou daqui, não de lá", justificou-se.

Assembléia Geral. Aí voltei, mas depois de voltar, dei uma banana pra eles, não quero mais. Renunciei.

Helena – O Maguary era um clube. O senhor freqüentava muito as festas do clube?

Valdemar – Eu fui secretário do Maguary, eu expliquei. Fui secretário.

Pamela – O senhor ia pras festas do Maguary?

Valdemar – Aquelas festas são depois (*ele se refere já à época do Clube Maguary, no início da avenida Barão do Rio Branco*). Maguary começou no Alagadiço, ali que era o Maguary, lá no Alagadiço. As festas do Maguary eram feitas em cima do chão, vizinho à sede com aquelas coisas de lona. A gente dançava em cima daquelas lonas. A gente pegava aquilo ali, cobria o chão e dançava. O Maguary se acabou porque quiseram misturar futebol. Nós não misturávamos. Futebol era futebol, agora quando tinha um aniversário, uma coisa, uma festa, aí a gente fazia uma festinha.

Artur – Seu Valdemar, e nessas festas só dava a elite fortalezense da época. Era um clube de elite, o Maguary?

Valdemar – Não. O Alagadiço tinha muita elite. O Maguary era um clube esportivo, ele não era um clube pra dança. Quando tinha uma festa, aniversário no Maguary, que era 24 de junho, a gente fazia uma festa. Quando era aniversário tal, às vezes era o presidente fazendo aniversário, ele comemorava.

Pamela – E quando o Maguary acabou, o time...

Valdemar – Porque não podia, não dava, juntar um clube de... O Náutico nunca teve. Um clube não pode ser duas coisas, você tem que ser uma só.

Helena – Depois que o senhor tava como técnico do Ferroviário, ele chegou a enfrentar o Maguary?

Valdemar – O Maguary se acabou, o último jogo dele, eu era treinador do Ferroviário e meti a peia no Maguary, pronto.

Helena – Foi de quanto o jogo?

Valdemar – Dois a um ou 3 X 1.

"Só ia jogar no Ferroviário quem tivesse emprego. Eu podia dar emprego porque eu mandava lá na Estrada, aí eu dava emprego."

Durante a entrevista, fizemos um lanche. Bolo e refrigerante para toda a turma. A contragosto ou não, quem estava patrocinando tudo era Valdemar. Mas da próxima vez, brincou ele, não é pra servir nem água!

Aurimar – E o senhor sentiu algum remorso de ter acabado o Maguary?

Valdemar – Não, eu era Ferroviário, meu filho! E Maguary era o Dedé Brasil. Não tem o negócio do Dedé Brasil?

Todos – Avenida.

Valdemar – Dedé era gago (*rindo*) e ele chegava pra mim, ele é parente da minha mulher, que é tia do fundador do (*colégio*) Sete de setembro, do Edílson Brasil Soares. O Edílson é filho da irmã da minha mulher. O Dedé chegava: "Ca-Ca-Caracas, tu sabe que eu sou o maior antinazista do mundo. Eu sou o maior antifascista do universo, mas se um dia, o Hitler trazer o time dele pra jogar contra o Maguary, eu vou torcer o time do Hitler (*rindo*)." E o Hitler não tem time. E é a mesma coisa.

Helena – Voltando ao começo do Ferroviário, os jogadores ganhavam salários pra trabalhar ou...

Valdemar – A pergunta é boa. Esse Fortaleza botou um dinheirão fora agora. Deus me perdoe, mas jogou fora dinheiro. O Fortaleza tinha que fazer jogador, no meu tempo era assim, fazia jogador. Eu digo então um monte desses jogadores aí o Carinha, o irmão dele, Rocélio. Fazia jogador o Fortaleza. O Ceará importava jogador. Uma vez, veio meio time de Belém pro Ceará. E o Ferroviário era engraçado. Só ia jogar no Ferroviário quem tivesse emprego. Eu podia dar emprego porque eu mandava lá na Estrada, aí eu dava o emprego.

Mayara – Os patrões deixavam os jogadores saírem pra jogar, tinha algum problema?

Valdemar – Não, minha filha, o jogo nosso era dia de domingo.

Mayara – Eles não se incomodavam...

Valdemar – Não tinha nem (*jogo*) noturno. Era jogo dia de domingo e feriado. Dia santo, a gente trabalhava. Então, eu dava emprego a eles. Quantos se aposentaram que eu dei o emprego? Eles devem a mim. Jogador meu não ia expulso nem nada não. Se o cara (*juiz*) botasse pra fora, eu botava pra fora do emprego também. Eu não dei o emprego a ele?

Helena – O senhor participava da organização do campeonato cearense?

Valdemar – Se eu participava? Eu sou forte. Vá lá no campo do Ferroviário. Este ano agora que nós estamos, tem uma estátua minha. Estátua não, busto. Eu não gosto. Dizer logo que eu não gosto. Busto, não gosto, mas botaram ninguém pode (*reclamar porque é*) uma homenagem que fazem a você.

Helena – Por que o senhor não gosta do busto?

Valdemar – Não, eu não gosto de homenagem, não gosto não. Eu gosto disso: convivência. Conviver. Nós estamos aqui brincando e tal. Todos vocês vão sair de bem comigo, porque nós estamos brincando, nós estamos

conversando. Oxalá que façam outra! Se eu não morrer logo, ainda vou fazer... Apresentar pra vocês.

Aurimar – Faz falta conviver no Ferroviário? Estar no Ferroviário?

Valdemar – Lá, é diferente hoje em dia, muito diferente.

Aurimar – Se o senhor pudesse, o senhor ainda estaria no Ferroviário? Nos bastidores...

Valdemar – Rapaz, tem a idade. Não tem nada, a idade é uma coisa que acaba com a gente. Eu comecei a ficar doente dos ouvidos. Ouvindo pouco. Como é? Onde eu tava, me perco. Eu perco a cabeça.

Helena – Se faz falta, o senhor estar convivendo lá no Ferroviário. Estar nos bastidores...

Valdemar – Faz porque não meu tempo eu botava mais... Pra vocês verem a minha situação que eu era um simples escriturário da Estrada de Ferro, mas mandava na Estrada de Ferro. Quem quiser que vá ver hoje. Mandava, eu me impunha. Eu conquistei uma liderança, mas conquistei pelo esforço meu, pelo meu trabalho, pela minha dedicação.

Helena – Quem fazia parte do time de futebol, quem jogava, tinha um prestígio maior na empresa ou não?

Valdemar – Não, a empresa não se metia no futebol. A empresa se metia noutra coisa. Tinha torneiro-mecânico lá. O Lula.

Helena – As cores do time foi o senhor que escolheu?

Valdemar – Não. Ferroviário quando eu peguei já tava...

Helena – Tava todo montado.

Valdemar – Tava jogando no subúrbio, tá entendendo? Então, eu mudei uma coisa. Era FFC, Ferroviário Football Club. Eu toda vida quis besteira, eu fui besta. Cada estado do Brasil, quase todos eles, eu torço um time e eu torcia no Maranhão por um time que era FAC. Eu não sei se era Fabril, não sei, FAC. Nunca vi nem ele jogar, só sabia lá. Então, o Ferroviário era FFC, Ferroviário Football Club, e eu mudei pra FAC, Ferroviário Atlético Clube. Foi isso aí que eu mudei.

Gabriela – Quais eram as cores do uniforme?

Valdemar – Uniforme bom é esse do São Paulo. Não era o do São Paulo. Quando eles fizeram, eles botaram a camisa. Escolheram vertical, preto, encarnado e branco. Vertical.

Pamela – Por que o senhor escolheu baseado nas cores do São Paulo?

Valdemar – Por que vocês não fazem um time na faculdade pra jogar?

Helena – Já tem.

Isabelle – Tem até copa lá (*ela refere-se à Copa Jabá, torneio de futsal jogados pelos estudantes do curso de Comunicação Social*).

Valdemar – E vocês têm campo também?

Todos – Tem quadra.

Valdemar – Quadra?

Aurimar – Não é muito boa não, mas...

Valdemar – Dá pra quebrar o galho, né?

Mayara – Seu Valdemar, e o pessoal quando torcia antigamente, torcia igual como torce hoje? Tinha essa rivalidade, essa briga?

Valdemar – Não. Tinha nada, era animado. Eu me lembro ali na Praça da Lagoinha, sabe onde é a Praça da Lagoinha? Hoje, como é que se chama? Beco da Poeira. Ali, jogava-se futebol.

Isabelle – Era campo de terra?

Valdemar – Era terra dura, viu? Eu joguei futebol, menino. Joguei, eu treinei. Tinha um campo ali que se jogou futebol. Eu me lembro que o Bangu, tinha um goleiro que era Quinderé. E ficava atrás, aquela cabocada toda ali era fã do Quinderé. Aí: “É jacaré? Não é. É peixeboi? Foi. É tubarão? Não. E o que é?” Aí a plateia: “É Quinderé!” É interessante!

Mayara – O que é que o senhor acha dessas torcidas de hoje, que brigam?

Valdemar – Isso é falta de educação, minha filha. Não tem governo. Tem uma casa (*minha*) que tá alugada a quatrocentos mil réis (*na verdade, reais*). Eu aluguei porque me botaram pra fora, de noite. E eu tô pagando isso aqui; os quatrocentos que eu recebo lá, pago aqui. Mas aqui tem condomínio. Eu pago quatrocentos e tanto de condomínio. Essa porcaria que não precisava nem...

Armando – Foi assalto?

Valdemar – Olha, engraçado! Tava lá, eu, minha mulher e uma moça que dormia com a gente. De madrugada, fui assaltado, passei mais nem lá. Faz não sei quantos anos, bem dez anos. Passo nem defronte lá. Se eu for ao Mondubim, não passo nem em frente à casa. Não tem governo, não tem nada.

Armando – O senhor passou quanto tempo na casa?

Valdemar – Sei lá. Muitos anos. Eu já paguei ela. Quem fez pra mim foi o instituto (*dos aposentados*).

Pamela – Nessa época que o senhor morava na outra casa, o senhor ia muito assistir jogo de futebol nos estádios?

Valdemar – Não, toda vida eu gostei de fu-



Sobre o “mal-humor” aparente de Valdemar, Dona Luísa revelou já estar acostumada: “É sempre assim. Chega uma pessoa, ele recebe de cara feia, depois fica no maior papo, todo alegre”.

Quando Arihel levantou-se para tirar fotos, Valdemar admirou-se da altura dele: “Olha o bichão grande! É só um?! Tá atrevido ele?!” Os risos da turma foram inevitáveis.

Ao final da entrevista, juntamos toda a turma para uma fotografia ao lado de seu Valdemar Caracas, que já estava triste com nossa partida.

tebol.

Isabelle – O senhor ia pros estádios?

Valdemar – Eu ia pro estádio. Até pouco tempo, eu ia. Eu tenho permanente de graça que me deram. Eu não pago futebol, não.

Helena – Alguém da sua família herdou essa paixão pelo futebol também?

Valdemar – Minha família não tinha futebol, não. Quando eu cheguei, tava começando futebol aqui.

Helena – O senhor tem neto e bisneto, não é? Eles gostam de futebol também?

Valdemar – O meu neto não. Ele nunca tentou futebol.

Isabelle – O seu genro que foi jogador?

Valdemar – Meu genro e meu bisneto. Meu bisneto joga bola.

Gabriela – Como é o nome dele?

Valdemar – Rui. Tudo é Rui lá. Eu não gostei, não (*risos*). Eu não gostei porque meu genro é Rui, o meu neto é Rui e meu bisneto é Rui. Então Rui Leite Barbosa é o meu genro. O Rui, o outro é Junior, o Rui Junior, filho dele. Eu não gostei, não. E o outro é Rui Neto. Então, perderam o Caracas. Rui Leite Barbosa, pra que essa besteira?! Eu digo a minha filha: eu não gosto.

Isabelle – Nenhum tem o seu sobrenome?

Valdemar – É, desapareceu.

Pamela – Mas os outros netos do senhor têm o sobrenome Caracas, não é?

Valdemar – Não, só se arranjar outro por aí. (*risos*)

Gabriela – Só tem o Rui?

Valdemar – Eu só tenho uma filha e a minha filha teve três filhas e um filho. O filho é engenheiro civil, casou-se e tem um filho, a mulher não pode ter mais. Caracas acabou-se, eu não gostei.

Gabriela – E as netas?

Valdemar – Minhas netas, uma é psicoterapeuta. Essa é mais chegada a mim. É casada.

Pamela – Como é o nome dela?

Valdemar – Eveline. É casada. Agora, tem uma solteira que tá se doutorando em enfermagem. Ela já se formou.

Pamela – Como é o nome dela?

Valdemar – Jaqueline.

Gabriela – E tem outra neta.

“Tô vivendo, até quando eu puder. Eu não posso contar minha vida todinha, mas extravagância que eu fiz, Ave Maria!”

Valdemar também presenteou um dos visitantes. Arihel, que participou da entrevista para fazer as fotografias, é torcedor do Ferrim. Ele ganhou um boné do time e tirou uma foto com seu Valdemar.

Valdemar – Tem a outra, doentinha a coitada. Tem trinta anos, mas é doentinha. Como é o nome dela? Caroline.

Pamela – O que a Caroline tem que o senhor disse que ela é doentinha?

Valdemar – Não, eu não sei. Essa doença que...

Helena – O senhor ia com quem pros estádios?

Valdemar – Eu piorei agora. Pro estádio, vai meu neto e meu bisneto, os dois me pegam. Eu não usava isso aí não (*apontando para o andador*). Agora é que eu tô usando. Não levei nenhuma queda ainda. Tomo banho, ninguém me dá banho nem nada. Quem me dá banho, é quando eu vou pro hospital, no São Raimundo. Levei muito banho lá, mas aqui não. Eu saio da minha coisa (*quarto*), vou pro banheiro, tomo banho. Ainda hoje, antes de vocês chegarem, eu tomei banho.

Helena – O senhor sente falta de ir pros estádios?

Valdemar – Não, porque os jovens estão tão anarquizados. Futebol, ele tá muito comercial.

Helena – Do que é que o senhor sente saudade?

Valdemar – Da minha mulher. Minha mulher, meu pai, dos que foram. Os que tão aqui eu não posso ter saudade porque eu convivo com eles.

Isabelle – Qual o segredo pra viver setenta anos de casamento?

Valdemar – Segredo? Não tem segredo não. A vida da gente é a sorte. Quer se casar agora? (*risos*)

Gabriela – Seu Valdemar, o senhor acha bom ter cem anos? Ter vivido essa vida tão longa?

Valdemar – Não, porque dá muito trabalho aos outros. Eu sou um dependente, não gosto. Acho que já devia... Eu, às vezes, (*quando*) tenho que receber dinheiro no banco, hoje minha filha é quem recebe. Eu digo (*rindo*): “Filha, o homem devia viver entre setenta anos e a mulher até sessenta.” Tem uns que não compreendem, não é? Desculpe demais a franqueza.

Pamela – Seu Valdemar, me diga uma coisa, tem algum segredo? Porque naquele dia (*durante a pré-entrevista*), o senhor conversou com a gente e disse que bebe vinho. É um segredo pra estar vivendo esse tempo todo será?

Valdemar – Não. Não, bebo vinho todo dia, não.

Pamela – O senhor não disse naquele dia?

Valdemar – Não, eu bebia muita cerveja. Escandalosamente. Mas eu vivo no rádio, aqui tem um rádio (*em cima da mesa ao lado dele*), ali tem outro (*na cozinha*) e tem outro

lá na cama. Então, eu vivo no rádio e um dia ouvi um médico lá de São Paulo, não sei se é paulista, veio de lá, decorei: "É saudável você tomar diariamente um copo de vinho tinto." Só isso. Decorei e pronto. Um copo de vinho tinto. E eu não tomo, eu tomo um por semana. Lá no Raimundo dos Queijos, tem uma garrafa de vinho tinto pra mim. Eu não pago. No Caravelle, tem a mesma coisa. Nunca pedi nem nada, também não pago.

Artur – Faz alguma dieta?

Valdemar – Não, por isso é que eu não respondo vocês aí. Eu fui o sujeito mais extravagante do mundo, farrista.

Mirelle – O que é que a gente tem que fazer pra viver cem anos igual ao senhor?

Valdemar – Ah, surgiu aquela ali. Quem é essa ali?

Gabriela – É a Mirelle.

Valdemar – Irene?

Gabriela – Mirelle.

Valdemar – Mirelle?

Gabriela – É.

Valdemar – É nome feio. A faculdade pode mudar esses nomes não? (risos)

Mirelle – O que é que a gente tem que fazer pra viver cem anos, igual ao senhor?

Valdemar – Se ajoelhar e pedir a Deus. (risos) Eu não pedi não.

Artur – Aconteceu, né?

Isabelle – Tá vivendo.

Valdemar – Tô vivendo, até quando eu puder. Eu não posso contar minha vida todinha, mas extravagância que eu fiz, Ave Maria!

Helena – O que é que o senhor acha que aprendeu de mais importante? Nesses cem anos de vida, depois de tanta coisa. O que é mais importante?

Valdemar – Eu aprendi nada. Eu sou igual a vocês.

Gabriela – O senhor não tem nenhum conselho pra dar pra gente que agora que tem vinte anos...

Valdemar – Me dar menos prejuízo (risos). Tô brincando, a dona Luísa fica aqui. Eu pensei que vocês não tomariam nem água aqui (se refere ao lanche que ela ofereceu). O dinheiro não é dela, né? (risos) Dona Luísa chega ali, faz as coisas, a gente acaba reclamando, tem muita gente aqui do lado dela, mas quando quiser pode vir. Só quero planejado.



Fã de Valdemar Caracas, como todo bom torcedor do Ferroviário, Arihel só não contava com uma desagradável surpresa: a qualidade da foto, tirada por Leonardo, não foi das melhores. Mesmo assim, Arihel podia gabar-se da foto com o fundador do time de coração;

Quando estávamos de saída, ao contrário de quando chegamos, fomos convidados a ficar mais tempo na casa de seu Caracas e voltar outras vezes para uma boa conversa.